

A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO III

RIO DE JANEIRO, 16 DE ABRIL DE 1887
DIRECTOR—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. III—N. 120

REDACÇÃO E GERENCIA — RUA DO CARMO N. 36, SOBRADO

REDACTORES

Valentim Magalhães Filinto d'Almeida,
A. de Souza e H. de Magalhães

GERENTE

G. CABRAL

SUMMARIO

Expediente.....	
« A Semana ».....	V. MAGALHÃES.
Uma velha calumnia.....	A. DE OLIVEIRA.
Nocturno, poesia.....	Uno.
Idéias de todas as cores.....	A. DE SOUSA.
Sinhinhos, poesia.....	E. DE QUEIROZ.
Prefácio dos «Azulejos».....	
Visita a um tumulo, poesia.....	V. MAGALHÃES.
A festa.....	R. OCTAVIO.
Notas philologicas.....	J. RIBEIRO.
Jornaes e revistas.....	S.
Notas bibliographicas.....	Y.
O louco, poesia.....	J. DE M. SILVA.
Theatros.....	P. TALMA.
Rabiscos philologicos.....	PACHECO JUNIOR.
Festas, ballies e concertos.....	LORGNON.
A vida alegre.....	PONSARDIN.
Collaboração:	
Contreses, soneto.....	O. E SILVA.
Inverno, soneto.....	M. PEDRENEIRAS.
Factos e Noticias.....	
Correio da Gerencia.....	
Recebemos.....	
Annuncios.....	

EXPEDIENTE

ASSIGNATURAS

CÔRTE

Trimestre.....	28000
Semestre.....	48000
Anno.....	88000

PROVINCIAS

Semestre.....	58000
Anno.....	108000

Prevenimos os nossos assignantes que se acham em debito vencido em 31 de Dezembro findo de que lhes está suspensa a remessa d'A Semana. Em vista daa circulares que lhes enviámos em tempo, e ás quaes não obtivemos resposta, não pôde ser outro o nosso procedimento.

Partio já para Santos, e d'ahi a percorrer a provincia de S. Paulo, o Sr. Francisco Fonseca, nosso agente nomeado para a referida provincia, encarregado de cobrar e angariar assignaturas.

Aos nossos correspondentes e amigos em S. Paulo rogamos a fineza de prestarem áquelle nosso agente o auxilio o informações de que elle careça para o bom exito da sua commissão pelo que nos confessamos, desde já, sumamente gratos.

N'este escriptorio compram-se exemplares dos numeros 54, 55, 56, 57, 63, 88, 89, 90 91, 92, 96 e 110 d'A Semana.

BRINDES

As pessoas que vierem ou mandarem ao nosso escriptorio reformar as suas assignaturas pelo corrente anno e ás que agora tomarem assignatura por um anno, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Vinte Contos*, elegante volume, por Valentim Magalhães. Este livro não foi posto á venda.

— *Les hommes d'aujourd'hui*, collecção de cinco esplendidas caricaturas coloridas de homens celebres de França, desenhadas por André Gil, Demare e A. Dreux, com as respectivas biographias, escriptas por notaveis publicistas francezes.

— *Pampanos*, versos, de Rodrigo Octavio.

— *Margaritas*, poesias de D. Adelica A. Lopes Vieira.

As pessoas que tomarem ou reformarem assignaturas por seis mezes, offereceremos um dos seguintes brindes, á escolha:

— *Auroras*, versos de Alfredo de Souza.

— *Evangelina*, poema de P. Longfellow, traduzido por Americo Lobo.

A SEMANA

Reencetaremos brevemente a nossa Galeria do Elogio Mutuo, dando os retratos e reciproas biographias de Rodrigo Octavio e Alberto Silva. Seguir-se-lhes-ão Lucio de Mendonça e Raymundo Correa, Alfredo de Souza e Henrique de Magalhães.

Ficarão promptos na proxima semana os indices e o frontespicio da nossa folha pertencentes ao anno transacto.

Como só aproveitam aos colleccionadores, somente os remetteremos aos Srs. assignantes que nol-os pediram, correndo o respectivo porte por nossa conta. Podem, pois, os que o desejarem, fazer desde já os seus pedidos.

Os sete dias decorridos do numero de sabbado passado ao de hoje foram tão chochos, tão vassios da acontecimentos, tão lamentavelmente magros e insignificantes, que bem se pôde dizer que não tiveram historia.

E' a razão porque não damos hoje a *Historia dos sete dias*.

UMA VELHA CALUMNIA

No *Microcosmo*, creio que de 21 de Junho de 1885, o talentoso moineiro que esse pelloirinho redige deu azas á calumnia de ser proprietario d'A Semana « como illustrado poeta que nessa folha é proclamado como o primeiro ». Respondeu-lhe no sabbado seguinte A Semana (n. 26) na sua secção *Bolos*, pela maneira seguinte:

« Tratando de um supposto commendador Rodrigues— uma invenção espi-

rituosa de Paula Ney, — o venerando ancão Laet fez no seu ultimo *microcosmo* o seguinte circunloquio: — Não ha muito tempo que na « Folha Nova » impugnou a gratuita asserção de um historiadór literario que data como proprietario da « Semana » o mesmo illustrado poeta que nessa folha é proclamado como o primeiro.

Até aqui a insinuação é apenas sarcástica.

Mas Pimenta é manhoso e sabe fazer as cousas com jeito. Nada de se comprometter. E' o grande mestre da pafifaria irresponsavel. Era capaz de inventar o *testa de ferro* se já não existisse o Romão José de Lima.

O pensamento esboçado na linha transcripta, é desenvolvido e completado pouco abaixo: — « Nestas condições, hoje, que tão decedente se acha o jornalismo nacional, só conhego o estabelecimento aqui da esquerda. O commendador não olha para sacrificios, commanto que o acclame, pela minha, o primeiro prosador deste hemispherio. »

A insinuação aqui é directa. Este periodo ligado ao outro dá uma infamia, que pode ser traduzida nesta phrase simples: — « O Dr. Luiz Delfino paga á Semana para que esta o acclame primeiro poeta nacional. »

Aquillo, porém, deixa de ser uma injuria para ser uma retaliação: Têm dito que Pimenta recebe ordenado do *Jornal* para insultar quem passa, e Pimenta retalia dizendo que nós recebemos paga para acclamar Luiz Delfino.

Mas existe esta differença fundamental: — O *Pachiderme* paga a Laet, e Laet quasi nada faz do que insultar conhecidos, desconhecidos, amigos e até collegas seus do professorado; ao passo que Luiz Delfino ainda não gastou com A Semana nem talvez mesmo o tostão do numero avulso. Luiz Delfino nem ao menos é assignante d'A Semana, o que, entretanto, nos não contentaríamos, visto que o grande poeta é nosso collaborador e já por vezes tem aspergido estas columnas com o intenso perfume oriental e exquisito do seus versos.

A Semana fundou-se por meio de acções, que foram distribuidas por amigos dos fundadores, alguns dos quaes ficaram com tres e quatro — e Luiz Delfino nem sequer tem uma, pois que se lhe não podio tal obsequio. Mesmo, porém, que se lho pedisse, isso não pnderia obrigar-nos a dizer o que, em consciencia, não pensassemos do seu merito ou das suas qualidades; nem, por outro lado, poderia fazer-nos ter escrúpulos quando quizessemos sustentar que elle era um genio, se por ventura tal o julgassemos.

Não ha favores, nem obsequios, nem protecção que possam obstar a que digamos quando for necessario, a inteira verdade, em prol ou contra quem quer que seja, mormente em questões de litteratura e de arte.

Esta força e esta franqueza, tiramolas da propria qualidade que Pimenta possui desdenhar, quando, com pilhas de prata, nos appellida — *mancebos*. Tiramolas da nossa mocidade, venerando nome da nossa mocidade!

E' natural que com essa reaposta a calumnia morresse esmagada, aspirando á lama de que se gerára e nutria.

D'facto, pelo meaos tão claramente, não mais veio a publico; mas continno caladamente no seu trabalho de inoculação toxica, nas ródinhas dos maldizentes.

Agora, quasi dois annos depois, resurge em publico, no mesmo logar em

que fizera a sua primeira apparição: no roda-pé do *Jornal*, em 1.º de maio, aos domingos, continúa Laet a sua maldizante missão de amolador molinero.

Uesta vez foi um tal *Chico das Botas* quem nellas a trouxe a publico.

Vomitou-a elle por esta indecente manobra:

« Hoje quem quer acclama. Não acclama quem não quer ou quem é tolo. Tenho um amigo, por exemplo. Esse amigo é um bom homem que emprestou alguns cobres para a realização de uma empresa que ligar — uma folha, supponhamos — de onde eu esperava tirar proveito e gloria. Gloria muita, proveito — algum.

Como pagar? Dinheiro não ha, porque a folha é muito aceita... pela familia e pelos amigos. A empresa caminha com a rapidez de um bonde Estacio de S. I.

Como pagar? Economias não se podem fazer, porque os compulheiros, em vendo dinheiro, não querem saber de possibilidade, nem de historias.

Afinal tenho uma ideia.

O meu amigo fez cursos exquisitissimos, que são muito bons porque ninguém os entende: dá a esses versos uns titulos mais exquisitos e num latim por sua vez mais do que superlativamente exquisitissimo.

A vista de tanta exquisitez, que hoje equivale a muito talento, peço no meu amigo, supro-o bem, acclamo-o rei dos reis, chefe dos chefes, e astou pago, perfeitamente pago.

E o meu amigo rena, reina, réina... até cansar de tanta reinação.

Aviso importante:

Propngo o processo, mas não fuco quem o inventou.

Nada de plagio!

Pois que não foi bastante a primeira resposta, para dar cabo da calumnia negra e lemosa, tanto que, dois annos mais tarde, ella reergue a chata cabeça de vibora cobrile. Vou hoje, de uma vez por todas, responder aos *Bolos* e aos *Laets*, publicos e particulares, que, em falta de outro, se servem d'esse meio para nos fazer mal.

A uma carta que escrevi ao Exm. Sr. Dr. Luiz Delfino dos Santos, o grande poeta da *Solemnia Verba* e do *Christo e a adúltera* e de outras innumeradas admiraveis composições, pedin-lo-lhe me responlesse aos dois seguintes itens:

I O Exm. Sr. Dr. Luiz Delfino dos Santos tem algum interesse pecuniario na empresa editoria d'A Semana?

II S. Ex. foi alguma vez solicitado, por mim ou por algum em meu nome, para entrar com dinheiro para a dita empresa, como accionista ou a titulo de emprestimo?

respondeu o illustre cavalheiro com a seguinte carta; a qual transcrevo na integra por não me ser permitido truncal-a, e cujo original fica na relação d'esta folha á disposição dos São Thoné que desejem examinal-a:

« Rio, 14 de Abril 1887.

Respondeu-lhe ás perguntas que o meu illustre amigo me faz, na carta com que, hoje muito me honhorou, dá-me dizer-lhe:

I Não tenho, nem tive interesse

pecuniário na empresa editora d'A *Semana* :

II Nunca fui solicitado por V. nem por pessoa alguma em seu nome, para entrar com dinheiro nessa empresa, nem como accionista nem a título de empréstimo.

Acrescentarei que só uma vez entrei no escriptorio da redacção d'A *Semana*, sem encontrar os seus redactores, e que tenho commettido a ingratitude de não visitar V. em seu domicilio—nem mesmo uma unica vez.

Confesso-me publicamente de tão grande falta:—publicamente, porque podendo V. fazer o uso que lhe convier d'esta carta, não é facil que ella fique na sombra dos factos domesticos.

Sou com superior consideração e elevadissimo apreço.

De V. Amigo muito e muito obrigado e grande admirador. Luiz Delfino.—

Ao meu bom e illustre amigo devo e quero publicamente agradecer a gentileza e a minha benevolencia com que se dignou de responder á minha carta; confessar a minha gratidão profundissima pelos serviços e pelas finezas que a mim, particularmente, e á minha folha tem dispensado, os quaes, mesmo por não serem de dinheiro, com dinheiro não podem ser pagos; e pedir-lhe perdão de ter ido perturbal-o e distrahil-o desagradavelmente dos muitos affazeres da sua profissão e dos seus preciosos trabalhos litterarios, sujeitando-o talvez—má do meu grado—n ser novamente alvejado pelos illupianos sagittarios da nossa imprensa patusca; facto que não pode incommodal-o, mas que sinto e lamento porque não comprehendendo que possa ninguem referir-se ao Dr. Luiz Delfino a não ser para prestar-lhe todas as homenagens a que têm direito o seu talento, a sua illustração e o seu caracter.

Quero crer que depois das declarações insertas na carta supra, não repetirá mais que eu e os meus companheiros nos vendemos ao Dr. Luiz Delfino.

Resta agora aos nossos amigos o expediente de dizer isso mesmo... em relação a outro cavalheiro.

Terminando, tenho o prazer de informar aos *bótas e laets* que não podem comprehendere a fundação e manutenção de uma folha como *A Semana* durante dois annos e meio e a sua continuação senão attribuindo-as á venalidade do seu fundador e de seus redactores, que esse malagre foi devido ao uosso trabalho, ás unidões que soubemos fazer, á sympathia que conseguimos criar no publico, á nossa constante e indefessa actividade, ao uosso criterio, e tambem, se dáo licença, ao nosso talento.

Se lhes não for possivel acreditar nisso será por já não serem susceptiveis de crer que se possa honestamente criar e manter uma folha neste paiz.

E essa deficiencia moral bastaria por toda a nossa vingança.

Rio, 16 de Abril 1887.

VALENTIM MAGALHÃES.

NOCTURNO

Como a noite está fria! A quando e quando Dobram-se fura as arvores com o vento; Crescentes nuvens em compacto bando Correm no firmamento.

Arde em meu quarto a lampada tardia. Os meus livros me esperam... mas que importa....

Quero sonhar, ouvindo a ventania
— Espectro errante a soluçar-me á porta.

Meu amor! meu amor: em que abandono Dormes? que pedra aterradora em cima Te puzeram, que coa vão no eterno somno A minha voz te anima?!

Levaram-te: um caixão com laxos de ouro, Um carro de ouro e crepe... horror inflado! E no caixão deitado um vulto louro Postas as mãos, dormindo.

— Accorda! accorde! A noite está tão fria!
— Mas escuto uma voz... é a voz da morte.
E a voz da morte? é a voz da ventania
— Espectro errante a soluçar-me á porta.

ALBERTO D'OLIVEIRA.

IDEIAS DE TODAS AS CORES

As imagens e figuras, em um escriptor, so têm real valor quando symbolizam idéias originaes e conceituosas. Fazer *estyllo* só por amor da arte é um pedantismo e uma inutilidade.

A differença fundamental que existe entre os escriptores naturalistas e os idealistas é a seguinte: os primeiros estudam a vida pela observação directa da natureza; os segundos a vêm em quinta dynamisação, através dos livros e das tradições. Aquelles vivem em um mundo real, estes em um mundo imaginario.

Politica e Diplomacia, duas sciencias importantissimas, vastas e complexas, mas cujas denominações são hoje synonymos de dissimulação, astucia, egoismo, conveniencias e corrupção!

« Com teu amo não jogue as peras. »
« Na boa ou má demanda põe o escripto da tua banda. »

Eis o que se devia escrever no adito do templo augusta da Justiça e do Direito.

E' engano; suppor-se que os bens da fortuna tornam o homem mais independente e melhor.

O dinheiro apenas põe em maior evidencia as boas qualidades ou os defeitos de que a natureza dotou quem o possuie. Se teu boas intenções, a fortuna lhe proporciona meios de as realizar, ou pelo menos de as patentear; se nas veias lhe corre máo sangue, o ouro apenas faz com que elle possa elevar o mal á altura de um principio, impondo a sua immoralidade ao genero humano.

Iago, rico, seria Shylock; príncipe, seria Nero ou Caligula.

A independencia moral é tão independente dos bens de fortuna, que um bohemio de George Sand exclamava quando mostrava as algibeiras vazias: — *Voilà mon indépendance!*

Esta boutade é menos paradoxal do que parece.

Ha tanto patriotismo nos que propõem reformas que acelerem o progresso de um paiz, como naquelles que se oppõem aos excessos e desmandos dos primeiros.

D'ahi nasce o equilibrio social.
A unica coisa que se deve exigir dos homens politicos é que sejam sinceros.

O jornalismo fluminense, em sua ge-

neralidade, está hoje reduzido ao seguinte — *blague*, troça, debochs.

Ninguém diz o que pensa nem o que sente. Por amor de uma pillheria ferina ou de uma insulsa pachuchada, os nossos jornalistas sacrificam o bom senso, os impulsos do coração, o proprio interesse pessoal; quanto aos principios e ás crenças, estes não os sacrificam elles, porque não os possuem nem para mezinhu.

Ha todavia algumas excepções.

O homem taciturno é sempre desconfiado e odiento.

A loquacidade é uma valvula por onde se escapam os ruins soutimentos. Gosto dos sujeitos grulhas.

Os que amam demasiado as gloriolas e a notoriedade vulgares nunca não de conseguir a reputação e a gloria.

Quasi todas as religiões fazem consistir na immobildade e na inacção o gozo supremo e a bemaventurança. Grande erro. O gozo, o prazer, a ventura, só podem ser encontrados no movimento, no trabalho, na actividade moral, physica e intellectual. Fora d'ahi só existe este monstro somnolento e mortifero que se chama Tedio.

UDO.

SONHEMOS...

Onde iremos pairar, toda envolvida,
Tu, pelas illusões,
E eu pela voz dulcissima, dorida,
Dos nossos corações?

Dos versos meus harmonicas escadas
Eu vivo a architectar,
Por onde em noutes longas, estrelladas,
Elevas-te a sonhar.

Elevas-te a sonhar! Dizendo em sonho
Todo este grande amor
Que me não dizes ter, mas que eu, risonho,
Sempre edulvino, flor.

Quero-te assim! Nos versos e nas rimas,
Que burlio por ti,
Min'h'alma, fonge de perversos climas,
Chora, canta e sorri!

Canta e sorri ás vezes; outras vezes
Chora, triste infeliz!
E o que não dizes, anjo, entre os revezes
A pobresinha diz.

Diz que receia que te fira forte
A vil, maligna mão,
Porque tambem a tua morte é a morte
D'este meu coração.

D'este que pulsa, como ignota corda,
A luz do sol que tens
Nos olhos teus, que a minha vida bórda
De venturas e hens!

Onde irei eu pairar sem ti, sem este
Labio que heijo só?
Sem ti — perfume brisa, que soergueste
A mim — misero pó?

Ab! não queijas saber p'ra onde iremos,
Que incerteza maior?
Adores-me, eu adoro-te: sonhemos...
Sonhemos, que é melhor.

Sonhemos! e que vivas envolvida,
Tu — pelas illusões,
E eu — pela voz dulcissima, dorida,
Dos nossos corações!

1887.

ALFREDO DE SOUZA.

PREFACIO DOS 'AZULEJOS'

(Continuação)

Ab! se a nossa amada Lisboa, velha e crenda do abbado que se arrebeca á franceza, tivesse já comprehendido o que, n'este anno da Graça de 88, já largamente comprehendeu a aldeia de Carpentras, famosa pela sua coturricia; — que o Naturalismo consiste apenas em pintar a tua rua como ella é na sua realidade ou não como tu a poderias idear na tua imaginação—sein honror o teu livro suspeito-o de Naturalismo! Obra naturalista significaria então, para a nossa bondosa Lisboa—obra observada e não sonhada; obra modelada sobre as formas da Natureza, não recordada sobre moldes de papel; obra pousada nas eternas bases da Vida, e não n'esse monturo molle, feito de sentimentalismo bolorento e de cascalho de rhetorica, que ainda atravanca um conto da Arte, e onde se vê ainda, por vezes, brotar uma florsinha triste e melada que pende e que cheira a mofo.

Mos como tu sabes, amigo, n'esta Capital do nosso Reino permanece a opinião cimentada a pedra e cal, entre leigos e entre letrados, que Naturalismo, ou, como n' Capital diz, Realismo—é *grosseria e sujidade!* Não tens tu reparado que quando um jornalista, copiando no seu jornal com penna habil a Parte de Policia, que é o *roast-beef* da Imprensa, menciona um bruto que proferio palavras immundas, nunca deixa de lhe chamar com uma ironia cujo brilho raro o enche do justo orgulho,—*discipulo de Zola?*—Não tens notado que nos Periodicos, quando se quer definir uma maneira especial de aer torpe, se emprega esta expressão consagrada—*ô Zola?* Não tens tu visto que, ao descrever um easo sordido ou bestial, o homem de Gazeta acrescenta sempre, com um desdem grandioso: « para contar bem como tudo se passou precisavamos saber manejar a penna de Zola? ». Assim é, assim é! Estranha maravilha do Asneira! O nome do épico genial de *Germinal* e da *Oeuvre* serve para symbolisar tudo que, em actos e palavras, é grosseiro e immundo! Isto passa-se n'uma terra que na geographia politica é uma Capital e se chama Lisboa—mas que, na ordem do pensamento e do saber, é um logarejo sem nome!

Meu Deus, sejamos justos! Tambem em França, em Inglaterra, ha quinze annos, houve a mesma opinião sobre o Naturalismo; tambem gritaram *grosseria, sujidade*, os nescios e os malignos, ao apparecerem essas vivas, rijas, fecundas, resplandecentes creações do: *Assomoir* e de *Nana*. Sómente em França, em Inglaterra, bem depressa os nescios comprehendiram (como já muito bem tinham comprehendido os malignos) que se não tratava d'uma litteratura expressamente libertina, filha de Boccaccio, de Brantôme e de Piron, especulando com o vicio e fazendo dinheiro com elle—como parallelamente o Sr. Ulbach e outros pudicos peoros procuram judiciosamente acumular pecunia, fabricando correctos quadros de virtude para uso dos Collegios de meninas: mas que se estava em preença d'uma larga e poderosa Arte, fazendo um profundo e subtil inquerito, a toda a Sociedade e a toda a Vida contemporanea, pintando-lhe cruaemente e sinceramente o feio e o mau, e não podendo, na sua aanta missão de verdade, occultar detalhe nenhum por

mais torpe, como, na sua scientifica necessidade de exactidão, um livro de Physiologia não pôde omitir o estudo de nenhuma função e de nenhum órgão. Ora esta nobre Arte não julga dever mutilar a Realidade ou falsen-la, compromettendo assim o seu grandioso fim moral, só porque poderia fazer corar as meninas—as meninas que, segundo nos revelou ultimamente o castíssimo o idealíssimo Feuille, conhecedor perfeito dos costumes da Virgíndade, quando estão juntas, todas de branco, n'um canto de salm, tem conversas *qui feraient rougir un singe*, que fariam corar um macaco! E om verdade vos digo, oh meus concidadãos, o macaco é desde Plínio considerado como a mais impudente, a mais obscena das creaturas que sahiram das mãos inexgotáveis do Senhor!

Mas a nossa terra, amigo, nunca assim o comprehenderá. Para ella Naturalismo é cousa suja—o cousa suja ficará. Desde que nós, portuguezes, laboriosamente conseguimos arranjar uma idéa dentro do cráneo—a nossa perguiga intellectual, o nosso desleixo, este fundo de desdenhosa indifferença que todos os mortaes tem pelas idéas e pelas mulheres, impede-nos de lhe mexer, de a tirar do seu canto, onde ella fica ganhando bolor em tranquillidade e puru sempro. Em Litteratura, em Costumes, em Política e no Fabrico do chinollo de orello, nós estamos vivendo e estamos morrendo d'este obtuso, viscoso affeiro ao vago das primeiras impressões. Seria inutil ir explicar, em berros, por uma tuba de bronze, aos ouvidos da nossa suave Lisboa, acocorada á beira do Tejo a ver correr a agoa—o quo significa Naturalismo. Depois de estoirarmos o peito a bramar-lhe que elle não se filia no Marquez de Sade, que não é *grosseria nem sujidade*, o que vem d'Hamero, a travéz de Shakespeare o de Moliere, a delectosa Gidele, leiga ou lettrada, desviaria da corrente o olho lento, o murmuraria com aquella voz pachorrenta e bonachã que é tão sua:—«O Naturalismo? Está fallando do Naturalismo? Bem sei, é grosseria e sujidade...»

Assim ella é, docemente cabeçada. O que não impede que se arroncsse com voracidade sobre todas essas *Nanas* esses *Pot-Bouilles*, brochados d'amarello que declarou grosseiros e sujos! E a ponto que não tolera, e deixa cobrirem-se de bolor nas livrarias, os biscoitos inoffensivos que os mestres liches cosilhavam com n pura farinha do Idealismo. Não lhes péga! Quer lodo, o lodo, que ella condemna nas salas, decotada e anstera.

De tal sorte que assistimos a esta cousa pavorosa. Os discipulos do Idealismo, para não serem de todo esquecidos, agacham-se melancolicamente e, com lagrymas repressas, besuntam-se tambem de lodo! Sim, amigo, estes homens puros, vestidos de linho puro, quo tão indignadamente nos arguirm de chafurdarmos n'um lameiro, veem agora pé ante pé enlambur-se coui a nossa luma! Depois, erguendo bem alto as capas dos seus livros, onde escreveram em grossas lettras este *lettreiro—romance realista*—, parece dizerem ao Publico, com um sorriso triste na face mascarada:—« Olhem tambem para nos, leiam-nos tambem a nós... Acreditem que tambem somos muitissimo grosseiros, e que tambem somos muitissimo sujos!»

«Todavia ha ainda n'esta terra espiri-

tos escrupulosos e tímidos que, considerando ingenuamente os livros naturalistas como immundicies in-8^{as}, os repellam com um desdem que é pueril e sincero, comico, mas honroso. E para esses se torna necessario ir já gritando pela serra acima—que o teu livro, aprez de acompanhado por um d'esses exgaravatadores de Verdades que fozam nos monturos humanos, longe de ser um dos fructos podres que ama o Naturalismo é uma flor bem viçosa, bem graciosa, bem aromatica! Mas preciso tambem dizer aos espiritus mais numerosos, e superiores, que detestam flores de papel—que n Naturalismo acceita a tua flor como sua, por ser natural, forte de seiva, com seguros raizes no solo da Natureza.

Tu pozeste ao livro amavel o nome de *Azulejos*—nome claro, alegre, lustroso e bem meridional!... Elle exprime, gentilmente, a natureza dos teus contos que offercem cada um o desenho vivo o curto d'um bocado da vida real, entrevisto, fixado ligeiramente, na primeira frescura da emoção. Do certo te foi suggerido por esses revestimentos d'azulejos que tanto alindam as paredes de conventos, de vellins vivendas de campo, onde se veom, dentro d'uma borladura ingenua de folhageas d'acantho, n'um dobxo azul e nitido, scenas concisas da vida ncliva—uma caçada com lanças, uma comitiva de fidalgos viajando, barcos á vela descendo um rio, frades em recreio sob as arvores d'uma cerca... Assim, tu traças nos teus *Azulejos* breves esboços da Vida interior o affectiva. é aqui a historia discreta d'uma paixão romanesca, d'essas que encheram de lagrymas o começo do seculo, no tempo dos brazões, dos mosteiros e das sacaras; e a ternura singella e absoluta d'uma pobre costureira, rosa meia murcho d'agua-furtada, que o primeiro sopro da realidade inclemente faz tombar de todo esfolhada; é uma devoção de pae religiosa e simples, toda perfumada d'essas creenças d'aldeia, que são fumo, como o fumo das lareiras, mas como elle revelam o descanso, a paz íntima, a alma aconchegada e contente na sua fé: é a *Guitarra do Braz*, gemem lo pelas tabernas n sentimentalidade doentia e viçosa dos bairros de fabricas... E todos estes quadros são *azulejos*, verdadeiramente tratados á maneira dos *azulejos* de louça n'um corredor de mosteiro: não ha n'elles nada de duro, d'opaco, de empastado: são facéis e limpidos: tem a precisão fina e graciosa d'um contorno azul sobre um fundo branco.

E o que me agrada no teu livro é esta maneira fugitiva, alada, acariciadora, de pintar as couzas em azul e branco. Revelas-te assim um delicado. Sem te ser estranha a essencia da Vida e da Realidade, não parece estar no teu gosto, no teu temperamento, talvez, ir revolver-a até ao amago com a curiosidade aspera da paixão. A tua pena roça simplesmente os contornos da Natureza, marcando-os com um traço macio tenue. Não escava para baixo, onde está a hulha e o ouro. Comprehendes bem a utilidade e a belleza de descer até ás sombrias entranhas da Vida, a surprender a palpação que tudo determina; mas achas, com razão, mais attractivos em ficar á superficie onde os jasmims florecem e cantam os melros.

O filho mais moço do desleixado Augias, que era tambem um artista em faiauca, foi o unico a dar o vinho

da boa acobrida e applaudir Hercules, quando elle chegou para limpar as pavorosas cavallariças do rei seu pae. Mas apenas o sereno heroe, pondo a um canto a sua clava, partiu a affrontar as seculares immundicies, o filho d'Augias refugiou-se na mais alta torro onde não pôdesse perceber o sobrehumano trabalho d'Alcides, nem sentisse os cheiros que d'elle se iam exhalar: e ahí, graciosamente, começou a pintar n'um vaso uma cavallariça, mas toda de jaspe e d'ouro, ou lo estavam presos, fulvos e cor d'aurora, os quatro cavallos de Phebo. Assim tu, comprehendendo a grandesa magnanima de quem remexe lodos e detritos para purificar o ar d'um Reino, achas todavia mais doce ficar a espalhar cores n'um vaso, vendo brillar por entre os esteios da vinha o azul do mar da Hellenia. Bem fazes tu! Colhes apenas a flor das couzas que pôde ser roxa e melancolica ou amarella e festiva, mas é sempre uma flor; em quanto nós nos dobramos a analysar scientificamente as raizes que são negras, que são felas, o veem sujas da terra rude em que mergulham e sugam.

Para lixar esses bocos de Vida real entrevistos e presentidos tens uma forma excellente, toda de naturalidade e de transparencia. Falta-te de certo esse relevo crespo, intonsamente lavrado, que em França tanto surprehende e agrada modernadamente, e oude se trabe o doloroso esforço do artista, numa ancia de originalidade, gemendo e empallidecendo sobre o seu buril. Ainda bem! Foi essa fórma franceza (de que os Goncourts lançaram a semente imprudente, e de que os Parisiannos em Prosa e Verso produziram as flores extremas, frias e brillantes como labores de joalheria) que desembocada, num dia desastroso, dum paquete de França, e logo macaqueada sem senso e sem gosto, originou entre nós esses estylos grotescos e insensatos que infestam toda a obra escripta da geração nova das le o relatorio até ao madrigal; estylos disparatados, picaros, relles; elles lembram a incoherencia de quem baralha palavras no tresvariar d'uma febre, o lembram a pelinrice de quem, numa villa sertaneja, arvora gravatas de vellulo verde-gaio julgando reproduzir «os requintes de Paris»;—e assim dão o horror inesperado e arripador d'uma cousa que é ao mesmo tempo delirante e pulha!

A tua simplicidade, Deus louvado, é fluida e correcta: e possnes assim a melhor maneira na arte do Conto, com essa meia tinta, essa agua límpida, que não empasta e deixa ver até ao fundo diaphanamente.

No Conto tudo precisa ser apontado num risco leve e sobrio: das figuras deve-se ver apenas a linha flagrante e definidora que revela e fixa uma personalidade; dos sentimentos apenas o que caiba num olhar, ou nuna dessas palavras que escapt dos labios e traz todo o ser: da paisagem sómente os longes, numa cor unida. Tu em boa hora seguiste fielmente esta Poetica, que é veihissima, que já vem de Horacio. E isso forma um dos encantos dos teus *Azulejos*.

(Conclue no proximo numero.)

EÇA DE QUEIROZ.

Em toda a minha vida apenas tenho tido um fanatismo: o da tolerancia.

Fr. Sarcey.

VISITA A UM TUMULO

Passa certo la na s'matinee e reatista no burrolo de milha, a 1 de Março de 1897, pelo actor Eugenio de Mazullo, em buehelo do cargo de D. Luiza Regadas, e que foi expressamente escripta para esse fim.

Tudo é paz; tu lo repousa.
A propria luz, mercenaria,
Pne te querer fugir...
Ainda passo uma louca,
E em cada louca uma historia
E um coração a dormir...

Quantos mundos de ventura,
Quantos aureos paralizos,
Quanta illusão, quanto amor
Não devora a sepultura:
Livro de prantos e risos,
Sem leitores, sem auctor.

E, foliava, um piedoso
E doce consolo á magin
Que n'alma a soustiste faz,
D'esse livro mysterio-a,
Let, com os olhos rasos d'agua,
Na capa o triste—«Arqui jaz»

Duns palavras apenas,
Que são duns marielallais
Profundas, longas, cruéis...
E adeus, illusões serezas,
Adens, creenças estrelladas,
Adens, sonhos inleis!

Tudo afundam, quebram tudo!
De uma vida, ha pouco em flores,
Fazem um pouco do pó.
Depois... num deserto mudo,
Em que só vegetam d'ouros
E correm lagrymas...

A' noite, á lua tristonha,
Pallidos lumes escasso
Tremeu sobre os mausoléos...
Canta narmore então sonha,
Frios olhos, petreos braços
Erguem-se lentos aos ceos.

Dormem villas e cidades...
Silencio enorme no emtanto,
Eis surgem brancas visões,
São as pallidas saudades
Que vêm visitar em pranto
Esses mortos corações.

Como as saudades, agora,
Vou, das saudades pungido,
Um coração visitar:
Coração morto na aurora,
Quando ia, alegre e querido,
Abrir as azas, voar!

Vou levar-lhe este punhado
Das lindas flores singelas
Que tanto no mundo quiz:
No seu tumulo gelado,
Aos olhares das estrellas,
Talvez a façam feliz.

Cóitada! passou na terra
Como irisada phalena
Que nuna luz se perdeu;
Dos homens por entre a guerra
Passou, candida e serena:
Cantou, sorrio-se... e morreu.

Quem foi? Um sorriso, um hymno,
Uma bengam consolante...
Uma estrella, um rouxinol,
Faz de um lar—pouso divino,
Que, seu sen olhar brilhante,
É como um dia sem sol.

Vou levar-lhe este punhado
Das lindas flores singelas
Que tanto no mundo quiz.
No seu tumulo gelado,
Aos nhares das estrellas,
Talvez a façam feliz...

VALENTIM MACHADO LINS.

A SÊSTA

A Dario Pederneras)

Depois do almoço Laura sentou-se ao piano e seus dedos urrancaram das teclas de marfim os primeiros accordes, de uma valsa muito em voga.

Enquellas notas trouxeram-lhe todas as recordações adormecidas da noite anterior.

Estendeu os delos e os braços em um longo espreguiçamentó, alçou o corpo, deitou a cabeça para traz, agitou a farta cabelleira negra e preliudiu cantando-lhe a meia voz a valsa começadã, interrompendo-se a espaços com bocejos e espreguiçamentos.

Com as mãos na nuca, a *matinée* cahida no tapete f-lpudo, cerrou as palmeiras, deixando voar ante os olhos, em turbilhão fantástico, todos os pares do baile da vespera ao compasso ideal da valsa.

E viu-os todos, todos. Tornou a ouvir os galanteios que lhe foram segredados, tornou a surpreender os olhares expressivos que lhe deitavam seus grandes olhos ornos, tornou a bispar certa phrase amorosa que um príncpez dissera sorratamente a uma pallida *Margarida*, e tudo, todos os acontecimentos, por menores, da grande mascarada da noite anterior lhe voltaram à memoria, em uma mein luz crepuscular, produzida pelo languencimento voluptuoso do cansaço e do sumno.

E deixou-se ficar meio adormecida na negligente postura, sobre o divan, que arjava com as palpações do seu coração.

Fora, o misto-lia queimava as calçadas e enchia de luz a sala.

Sobre o piano, em desordem, a mascara de vellu lo preto, um par de luvas amarradas e uma ventarola; flores e crotonas pendiam murchos das jarras de porcellana, como se descançassem imitando a dona gentil das formosas mãos que as colheram e arranjaram.

As cadeiras, fóra do alinhô natural, mostravam que ainda não tinha despertado a alma que as goverava.

E Laura, a formosa Laura, a rainha da vespera, no meio de toda a desordem, via, como vassallos, passaram os *toreros* bamboleando gentilmente ao lado das *bohémias*, cobertas de medalhinhas de metal dourado, e os *jockeys* empertigados em uma elegancia britânica, contrastando com a garrulice pantomimeira dos *clowns* e dos *pierrôts*, e os dominós escuros como immensas botijas de espirito, a espantar atropellados os maeccaras sensaborões e as *egyptias* dos crocodilos e dos areas enantescentes, de palestra com as *carpmezas* dos bellos prados em flor e dos alvos robanos de corleirinhos mansos, e as mornas *tyganas* a ler nas palmas das mãos o futuro dos *inglêzes*, comicamente sérios; e a alegria e a graça e a dança e a musica, tudo passava como um cortejo ante a rainha do baile, a formosa Laura, que se deixava ficar meio adormecida no divan, que palpitava com o arfar de seu peito.

E o cortejo passava e lá se ia souho em fora; por fim ella tambem se encorporou ao turbilhão, à cadeucia da valsa que os arcos tiravam ás corlas sonoras dos violinos encantados; lá foi, presa aos braços d'elle, ouvindo-lhe a voz, mais brandia que a musica das rabecas, passando-lhe ao hombro o braço esquerdo, roliço como um peçoço de cysne.

Chocalhavam os guizos, soavam os pandeiros e os adufes nas mãos macias das *serilhans* gentis e o concerto da musica, dos passos e dos risos enchia-lhe a alma de uma harmonia embriagante como uma nuvem de perfumes.

E ella tinha os labios abertos por um sorriso, como a deliscescencia de uma fava de coral deixando ver uns feijezinhos de perola.

E Laura deixar-se-ia ficar na agradável visão da sêta deliciosa, se não viesse uma irmãinha tendo posto à face a meia-mascara de velludo preto, gritar-lhe ao ouvido com a voz affatada:

— *Você me conhece?*

RODRIGO OCTAVIO.

Rio, 1887.

NOTAS PHILOLOGICAS

E' jũ costume, na orthographia venacula, representar por accento agudo a contracção da preposição *a* com o artigo feminino *a*:

Nocivo ás almas
Util á patria.

No antigo portuguez a orthographia consignava o hiato: *a a patria; a as almas*, etc. Mais tarde, desde que o accento agudo tornou-se o expoente normal da contracção, começou a accentuação do artigo masculino, como ainda se nota em Vieira e nos seiscentistas:

O's pés de Jndas—aos pés de...
O's vinte dias—aos vinte diae.

Este uso obliterou-se, no que se refere ao artigo masculino.

Em todas as linguas ha erros consummados. Mas deve existir inflexivel revolta contra os desacertos dos doutos e daquelles que tomam a si a disciplina e a cultura da lingua.

Se é verdade que ficou por principio inuocunso a norma de indicar a contracção do artigo pelo accento agudo, é claro que só por erro aquelle signal apparece onde não existe contracção alguma. Assim, escreve mal quem escreve:

Fui á casa.
Voltei á casa.

Aqui a accentuação é um erro.

A palavra *casa*, como outr'ora *palacio*, indica uma situação local fixa e conhecida, para a qual não ha necessidade de determinação pelo artigo. Deve-se escrever: *fui a casa*; e ainda no seculo passado dizia-se: *fui a palacio*.

Ha um meio facil de verificar a indeterminação da palavra *casa*. Consiste em procurar as locuções em que seja indubitavel a presença ou omissão do artigo. Tal se vê das proposições *em*, *de*, *por*. Ao passo que se diz:

Esteve na rua.
Veio da igreja.
Lá pela cidade.

Diz-se, no emtanto:

Esteve em casa.
Veio de casa.
Lá por casa.

Fica, portanto, demonstrado a evidencia que, na expressão *fui a casa*, não existe o artigo feminino, e é, consequentemente, um erro accentuar a preposição.

Além da prova historica, ha felizmente um recurso de argumento que me offerece a analyse comparativa. Como se sabe, em lingua castelhana, a contracção mencionada é impossivel, em vista das formas articulares, *lo, la*. Ora, o castelhano fornece-nos estes dois exemplos:

Me voi a la calle.
Me voi a casa.

Como se está vendo, a segunda locução não contém o artigo.

Se estas razões valem alguma coisa, os mesnos doutos que applaudem o uso do accento, devem omittir-o na expressão:

Vou a casa.

Não se trata de reformar a lingua-gem. Trata-se apenas de corrigir um esquecimento dos neographos e disciplinadores da lingua.

Ao prolixo ponto final que o professor Pacheco Junior pingou sobre as nossas questões philologicas, tenho que fazer duas rectificações indispensaveis.

Vem a ser a primeira, que não lhe dei satisfação de meus erros. Dei-l'ha, inteira e cordial, de suppostas offensas, porque encontrei-o algures pesaroso e sentido.

A segunda é que, apesar de seu grande merito, S. S. não foi o iniciador de estudos philologicos no Brazil. E' coisa velha a philologia; e dos processos da moderna escola allemã já Carlos

Hoffer em 1869 publicara entre nós um opusculo de merito.

Com *alfurnas, chanquetas, sambarcos, chanfretas* dignou-se S. S. poupar-me os coloridos paramentos do meu carnaval de paschoa. E foi muito melhor assim; eu sei que Pacheco Junior está escrevendo um lexicon etymologico e outro analogico, e outro...

Estes elementos refazem-me a psychologia do homem. O illustre professor não teve a intenção de atrair-me desafios, mas simplesmente de atrair-me o dicionario...

Atravez da grossa nebulosa de improperios, em bem enxergo as prematuras irrupções de vocabulário ainda inédito.

JOÃO RIBEIRO.

JORNALS E REVISTAS

O *Occidente* n. 297. Orna a sua primeira pagina um bello retrato do Conde de Valença, e nas paginas centreas encontram-se tres gravuras: duas representando a ponte *Pinheiro Chagas* sobre o rio Lucalia e a outra o palacio e quinta real de *Alfeite*. No texto, firma (servasio Lobato uma scintillante *Chronica Occidental*, Pinheiro Chagas o seu sexto artigo sobre o fallecido estadista portuguez Fontes Pereira de Mello, Lorjô Tavoras um conto *A tia Anna Domingos* e Zepherino Brandão um artigo biographico sobre o Conde de Valença. Apparecem tambem as secções do costume.

Appareceu em S. Paulo, sob o titulo *A Vida Semanaria*, um hebdomadario que, a julgar pelos artigos do seu 1º numero, promette ter vida longa e auspiciosissima. No seu artigo de apresentação diz a novel collega que estará em dia com o movimento artistico que nos cerca, pois que crê que a arte é a grande arca santa em que a humanidade ainda guarda tudo que ha de puro e sagrado sobre a terra, toda a sua raiva snblime em busca do ideal, do intangivel e eterno. Occupar-se-á tambem de todos os problemas sociais.

Assiu seja. Cã estamos para receber a sempre com os braços abertos. São seus redactores Emiliano Permetta e Arthur de Castro Lima e seu correspondente na Côte o apreciado poeta Dr. Rodrigo Octavio. Prosperidades!

Do *Progresso*, folha que publica no Rio Grande do Sul temos o seu supplemento—*Revista Illustrada*. Traz o retrato do general Portinho, um desenho—*A cidade de S. Leopoldo* e outro—*Vista interior de uma parte do collegio de S. José*.

O n. 7 do 16º anno d' *A Estação* distribuiu uma esplendida pagina de versos com o seu supplemento. Collaboram nella Machado de Assis, Arthur Azevedo, Xavier da Silveira Junior, Guimarães Passos, Luiz Murat, Luiz Delfino, Soares de Souza Junior, Silva Tavares e J. de Moraes Silva.

São, especialmente, bellos, os sonetos de M. de Assis, Arthur Azevedo, Luiz Delfino, X. da Silveira, S. de Souza Junior e algumas das *Estrophes musicas* de Murat. Um bello presente de *dozes* rimados que *A Estação* offereceu às suas leitoras como amendoas de Paschoa.

O *Diario Mercantil*, jornal que apparece em S. Paulo, encetou hontem o seu 4º anno de existencia.

A vida do *Diario Mercantil* tem sido gloriosa. A despeito de todos os odios e de todos os dissabores, elle tem se collocado à frente das causas populares, e com altivez de espirito e independencia, inculcado no animo da população paulista o luminoso germen do bem e de progresso. Não ha ramo de actividade politica ou administrativa que não tenha sido batido, quando desviado do seu verdadeiro caminho, pelo *Diario Mercantil* em artigos valentes e scintil-

lantes. O commercio d'aquella provincia encontra nello um apoio valiosissimo e expontaneo. A litteratura, *cousa* a que não se dedica com nmor a maior parte dos jornas da Côte, tem achado abrigo franco em suas columnas, donde por vezes irrompem, como luminocelaeimos astros, trabnhlhos inelictos, firmados por escriptores nacionaes e estrangeiros.

O *Diario Mercantil* é, na accepção mais lata e eeria da palavra, um verdadeiro jornal, e occupa lugar ealiente na imprensa do nosso pniz.

Saudamo-lo entusiasticamente nas pessoas dos seus dignos redactores—Gaspar da Silva e Léo de Affonseca.

O *Brazil-Médico* n. 13. Contem excellentes trabalhos sobre ciencia. Pelo seu sumario poderá avaliar-se da variedade dos escriptos. Ell-o:

Da hereditiedade nas molestias infectuosas, pelo Dr. Cyprino de Freitas (continuação)—Contribuição ao estudo da identidade dos parasitas productores das dermatomycoses, pelo Dr. Azevedo Sodré—Das inhalações de chloroformio no tratamento de eclampsia infantil, pelo Dr. Clemente Ferreira—O salicylato de mercurio em therapeutica—Acesso retro-pharyngiano occasionado pela presença de uma espihia de peixe—Emprego do sulfureto de carbono no tratamento da tuberculose e de elephantiasis dos arabes—Historia de alguns casos de traumatismo dos ossos do craneo, accompahados dos eymptomas consecutivos.

Aos novos collegas *O Espanador* que se publica em Piracicaba e *O Provinciano* em Pernambuco, desejamos todas as prosperidades de que são merecedores e muitissimos annos de existencia. Eguas venturas endereçamos tambem a *Avorada* da qual chegou-nos apeaa o seu 2º numero.

Recebemos o tomo XLIX da «Revista Trimensal do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brazil», correspondente ao 4º trimestre de 1886. Traz importantes e substanciosos escriptos sobre pontos interessantes da nossa historia, assignados por diversos cavalheiros que já firam a sua reputação n'esta especialidade.

S.

NOTAS BIBLIOGRAPHICAS

Servidões Reaes pelo juiz de Direito Didimo Agapito da Veiga Junior, 1887. Infelizmente a nossa litteratura juridica fartam só, por ora, inuteis formularios e esteréis reproduções dos velhos praxistas; e poucos, bem poucos, alem de Teixeira de Freitas, Lafayette e Perdigão Malheiros, têm cuidado em enriquecer a com boas obras.

O Sr. Dr. Didimo Agapito da Veiga Junior acaba, porem, de prestar-lhe um relevante serviço com a recente publicação de seu livro intitulado *Servidões Reaes*.

Esta importante questão de direito civil é ahi tractada pelo author, embora resumidamente, com bastante proficiencia e methodo; e isso, não obstante as difficuldades que o assumpto offerece e que só com profundo e aturado estudo poderiam ser superadas.

Logo à primeira vista evidenciam-se taes difficuldades; e basta ponderar que o nosso direito escripto, relativamente ás servidões, pouco ha progredido, e quasi nada encerra alem do que, sobre a materia, existia já consubstanciado no Digesto, nas Instituições e em varios textos, mais ou menos abstrusos de Paulo e de Ulpiano.

O livro divide-se em duas partes. A primeira comprehende a doutrina geral sobre as servidões, e nella acham-se expendidos com clareza os principios que o author adopta e egue, bebidos nas velhas fontes da jurisprudencia juetiniana e aperfeçoados pelo eaber dos que melhor a têm commentado modernamente.

Destacam-se, d'entre os commentadores, a que o author parece ater-se mais e que com mais solida e vaeta contri-

huição entram em sua obra, Maynez, Ortolan e Molitor, que, solvendo as duvidas suscitadas pelos antigos interpretes, muita luz derramaram sobre n nasumpo.

Na segunda parte do livro, occupa-se o author especialmente das servidões roas, as servidões por excellencia, como as consideravam já os juriscosultos romanos, jura prediorum. Esta segunda parte, a de mais utilidade e importancia practica, subtrivide-a elle ainda em duas secções, de conformidade com a classificação que previamente ncalta e xplica, das servidões em urbanas e rurales.

O livro todo revela abundante erudição e notavel talento juridico. O nome do author tem já firmado outras obras do mesmo genero e do alto merecimento d'esta, com a qual presta de novo ao estudo do direito patrio valiosissimo auxilio.

As Servidões reaes do Dr. Didimo Junior foram e lictadas pelo conhecido livreiro B. L. Garnier.

Agraceamos o exemplar que nos foi offerecido.

Sete de Abril de 1831. E' um poemeto dedicado á memoria de Evaristo Ferreira da Veiga. Assigna-o — Alguem. (Com a grande ou pequeno?) Pelo que deixou ver dos seus versos, tem talento, sabe escrever, não lhe falta inapiração o soube com altivez de vistas coordenar os factos d'esta data memoravel, em seu trabalho. Ha, isto em abono da verdade, merecimento no seu poemeto; mas tambem ha versos como estes:

Nas almas atava! Diferencia Fiste outrora do povo ignea columna!

Aparte outros como esse, o Sete de Abril de 1831 é um poemeto digno de leitura. Que alguem não descanço; ha muita coisa na historia de nosso paiz que está pelinlo ser cantada e decantada por um poeta que tenha verdadeira compenetração do assumpto e possa estudar-o por todas as suas faces. Alguem está d'os casos. E' trabalhar, pois.

O LOUCO

O sol ardia; azul, o firmamento Tinha peneira de luz que formigava; Nem uua folha move-se com o vento, Excandecente o chão reverberava.

Elle, num banco do jardim sentado, No olhar exhibe as turvações internas; Pra deante o corpo a nu recurvado, Braço firmes e aducias mãos nas pernas.

Mangas soltas, rasgado o collarinho, Quasi fóra a camisa, sem vexame, Rugada a pelle, velho pergaminho Cobre do peito o magro cavername.

Ficou assim attentamente olhando, Sem ver e sem de leve ter sentido Que, perto e sob as folhas o espreitando, 'Stava um rosto nas sombras escondido.

No meio do socego e calma ardente De onde nbre--e a ramagem mal se escuta Um gemido fúngado e intercedido Como as gottas que pingam numa gruta.

Uma pallida moça, apparecendo D'entre os ramos, á luz se desencana: As lagrmas nas faces escorrendo, No peito as mãos unidas de uma santa;

De ouro o cibello, desgrenhado e solto, Em cascadas nos hombros se espargindo; De praza o seio tumido e revoltio, Pelo pranto molhado, reluzindo.

De ch'fre elle estremece; não que tenha Reparado em que algum se lhe aproxima; Na voz chorada, tremula e rouquenha Sante--s a dor com que elle se lastima.

E disse: — « Que caminho tão horrendo Sem ar, sem luz, difficil e sombrio! Depois estende as mãos, olha, e gemendo Encolhe o corpo a tiritar com frio.

« Foi por aqui, no chão está marcado.» E aponta pra uma flor,— seo pé mimoso. Enruga a testa, camba, lado a lado, Retrahe e peito, e escuto cauteloso.

« Ave branca do ceo, que eras tão mansa, Por que eucbeste de espinhos o teu leito? » Ranga a testa, as mãos de garras lanças, Como punhas de ferro, sobre o peito.

Rangendo os dentes, m m ns unhas crava, Impassivel; a flo o sangue escorre; E ella, que a passo e a medose--achegava, Adeja o braços, boquiaberta corre.

—Perdão! — Diz elle, e, libe-prendendo os pulsos,

De jreijos cae, o seto salta, estua, Dilacera-se a pbrave em ais convulsos; E elle, insensivel inda continua:

« Não viste all o escuro sorvedouro, E as flores venenosas nos barrancos?... Voam no abysmo as tinias plenas de ouro, Cabem no lodo os teos arminhos brancos! »

A moça o abraça e beija; elle consente, Mas sem ver nem sentir quanto ella chora; E cara a esposa indifferente E volta á mesma posição de outrora...

E ella vé o desvio d'essa estrada De que elle fala, turbida e de abrolho: Olha pra si, conhece estar nodosa, E o abysmo negro tem perante os olhos.

E elle, impassivel sempre; no entretanto, Num lucido momento do desgosto, Talvez sentindo unicamente o praato, Nos punhos da camisa enxuga o rosto.

J. DE MORAES SILVA.

THEATROS

SANT'ANNA O VASQUES

Ha muitos annos que o dia 12 de Abril é um dia de festa artistica nesta cidade, e que nas festas do theatro nacional se registra aesta data um ruidoso successo, um memoravel triumpho.

E' o dia em que o Vasques realisa annualmente assuas festas de beneficio.

Artista superior, apaixonado pela sua arte, cioso do seu nome illustre, não se contenta—como o geral de seus collegas—de fazer o seu beneficio com qualquer peça que leve gente ao theatro: — esforça-se sempre por offerecer ao seu publico — que é todo o do Rio de Janeiro—grun lea novidades, peças novas em que o seu talento possa manifestar-se largo e poderosamente, de modo a se não dizer que o Vasques ganhou fama e doitou-se a dormir. Assim foi que ha um anno fez escrever e representou O Caboto, um bello drama nacional em que elle conquistou uma das mais virentes folhas da sua coroa de grande actor.

Para n sua festa deste anno havia o Vasques pensado em representar Le roi s'amuse, o celebre drama de Victor Hugo, o qual, por seu bello, havia sido brillantemente transposto a vernaculo, em verso—como o original—por Olavo Bilac e Aluizio Azevedo sob o titulo Triboulet. A traducção ficou prompta; mas não bouve o preciso tempo de ensaiar e montar a peça; o que fez o Vasques preferir n comedia, tambem de Aluizio, Macaquinhos no sótão.

Nella encontrou Vasques um papel digno do seu talento e proprio para lhe proporcionar uma nova criação, em nada menos valiosa que as suas anteriores.

Como é de seu velho costume, fechou o spectaculo representando uma nova scena comica, de sua autoria, intitulada Os Capoeiras, um pretexto para fazer mil diabruras a sua indextogavel e irresistivel veia comica e por doentes os espectadores—de tanto obrigat-os a rir-se.

A enorme concurrencia de espectadores e ns repelidas e calorosissimas salvas de palmas e braços provaram mais uma vez ao primeiro artista brasileiro que o publico cada vez o estima e admira mais.

Não lhe faltaram tamponco brindes e provas de apreço da parte de amigos e collegas, sendo que leve um desica a chistosa lembrança de offerecer ao author d'Os Capoeiras uma linda coroa de louros com espiguiilhas de ouro tendendo á esta inscripção: «Anartista Vasques—Os Guayamús.» Parabens ao Vasques.

Macaquinhos no sótão

O primitivo nome desta burleta, sob o qual Aluizio Azevedo fez a sua desta rellação uma applaudida teitura della, era — Os sonhadores.

Mae a conveniencia de aproveitar, como eermouth á curiosidade do publico, o titulo da apimentada secção de José Telha, na Gazeta de Noticias, fez com que fosse abandonado aquelle titulo primitivo, inegavelmente muito melhor.

Outra transigencia com o gosto publico foi o enxerto de alguns trechos de musica na comedia, que pela sua natureza especial não admite musica. Os numerosos cantados prejudicaram a vitalidade, a conexão e o pouco de verosimillança permitida ás peças d'aquelle genero; especialmente o coro do champagne—em uma sala de baile, aesta cidade—foi de pessimo effeito.

Tirante estes senões que não podem com justica ser contados em detrimento da peça, pois o auctor os admittiu a contragosto, pôde a nova composição theorada de Aluizio Azevedo ser considerada a mais bem feita, mais completa, menos defeituosa das suas peças — embora de genero de inferior merecimento, o que não importa ser mais facil. Reputamo-la tão boa como algumas que de auctores francezes têm sido aqui representadas com successo.

Tem todos os perliculos do genero: enredo, interessante, complicado de momento a momento, por situações imprevistas, estramboticas e engraçadas; vivacidade constante nos dialogos e na successão das scenas e muita graça, graça ás mancheias.

Se a peça houvesse tido mais ensaios e n companhia deste theatro tivesse o habito de representar comedias, especialmente das de genero desta, nada muito maior teria sido o successo dos Macaquinhos.

Em summa: — Aluizio que havia demonstrado grandes aptidões para o theatro com n Casa de Orates, Venenos que curam, e O Caboto (em collaboração, estas ultimas, com Emilio Roué le) revelou-se n'Os sonhadores (permitta-se-me que continue a chamal-a pelo seu primitivo e melhor nome) um comediographo moderno de primeira ordem, e com ella subio a postar-se ao lado de seu illustre irmão, Arthur Azevedo, na mesma plana.

Felicitemo-lo com toda a effusão cordial.

O desempenho foi geralmente bom. Em primeiro lugar — o Vasques quo apresentou um originalissimo e magnifico typo octogenario monomaniaco de sciencia e a sustentou da primeira á ultima scena com rigorosa igualdade o multissima graça.

Depois Mattos, que fez com muita correcção, chiste e naturalidade o seu papel de criado que sonhou com a sorte grande do Paraná. D. Dolores Phebo satisfez inteiramente na interpretação do seu papel de menina ncanhada e ingenua; D. Izabel e Massart e os Srs. Phebo, Aráus, Lisboa, Nino e Masquita fizeram o que puderam para o bom desempenho da peça.

Cremos que os Macaquinhos no sótão darão ainda muitas enchentes ao Santa Anna.

A «grève» dos ferreiros

Uma agradabilissima surpresa estava preparada nessa noite para o Vasques e para os espectadores. O antigo e projecto actor Simões, amigo do beneficiado, fez saber ao publico, por meio de avulsos distribuidas em um dos intervallos, que, como prova de destima ao seu collega, recitaria naquella noite, pela primeira vez, a poesia de François Coppée La grève des forgerons, traduzida por D. Adalina Vieira.

De facto, depois da comedia, subio o panno e appareceu no patco uma figura sympathica de velho ferreiro, cabellos e barba brancos, vestido com n blusa e as calças do trabalho brutal e sujo da forja, as mãos encarvoelradas, a cara tansada e enrubecida pelo calor do fogo.

Uma caracterisção admiravel A roupa orn effectivamente a da um ferreiro, que, a muito custo, della fez presente, na Gamboa, ao distincto artista. Simões andara por ali e pela Saude a visitar ferrarias e procura de um bontyppo e de uma boa roupa authentica de ferreiro, desbotada e quilotada no trabalho.

E conseguiu ambas as coisas.

Sabe-se o que são todas as poesias de François Coppée — poemas deliciosos de naturalidade, sentimento, delicadeza e correcção artistica. Na grève dos ferreiros encontram-se abundantes todas essas peregrinas qualidades. E' um episodio commovedor d'essas tragedias tetricas da luta do capital com o proletariado em França. Um velho e honrado ferreiro, que tem mulher e dois netinhos a sustentar, entra um dia grève, jurando com os companheiros não voltar á forja. Mas os recursos escogtam-se, tudo o que tinha a mi-cra familia vaee para o Monte do Sincorro; sobrevém a fome, as doenças, o desespero. Que fazer? Resolve voltar ao trabalho e vaee lealmente avisar da sua resolução os companheiros. Encontrat-os bebendo, fumando e jogando no cabaret. Ao ouvirem-o, todos o insultam e escarnecem; um collega, robusto e moço, chama-lhe—Cobard!

Então o velho e honesto ferreiro, cego de colera e vergonha, deaffia-o para um duello tremendo, horrivel — a martello. O outro ri-se, nuneito de medo, recusando. O velho escolhe os martellos, atrilhe um, ergue e manjea o seu... E o ferreiro moço cae prostrado, morto, com o cranoo esmigalhado!

A exposição d'essas luctas, d'essas angustias, d'esse crime, feita ao juiz instructor da culpa, constitue o admiravel poemeto de Coppée.

Traduzio-o n nosas illustre collaboradora D. Adalina A. Lopes Vieira, e tra luzio o primorosamente, com a mais eecrupulosa fidelidade, respeitando a mesma disposição dos graves e agudos da composição original e dando-lhe forma elegante, singela e expressiva sempre.

O talento e o reputado actor Simões foi muito feliz na recitação. Interpretou com justiza todas as intuições do auctor e deu o devido relevo aos varios laços, ora sentidos e ternos, ora enérgicos e irados—e em alguns d'elles — como n descripção do insulto e do desafio para o duello a macho — foi de rara fidelidade. Apenas se lhe poude notar não haver sustentado com o calor e a força do começo toda a recitação da poesia, que é extensissima, e uua ou outra vacillação, um ou outro engano, aliás perfeitamente deculpaveis em composição de tão largo folego.

Esse trabalho artistico do velho actor honra os seus precedentes gloriosos e ficará fulgurando entre as suas mais notaveis creações artisticas.

Esperamos que noa será dado o prazer de publicar proxivamente A grève dos ferreiros.

Com a Touinegra do Templo fez beneficio hontem neste theatro o Pinto, o impagavel Pinto, que foi uma das figuras mais importantes da companhia pelo extraordinario relevo que — por meio de admiraveis caracterisações — conseguia dar aos seus papeis.

Ao ex-actor Pinto não faltaram palmas, applausos, provas de apreço por parte dos seus muitos amigos e admiradores.

PHENIX DRAMATICA

Faz beneficio na quarta-feir: o estimado actor Teixeira. As peças escolhidas para a sua festa são de atrahir grande concurrencia á Phenix. Subirão á scena 1.º e o ultimo acto da Ha alguma differença as comedias em um acto: Inabon atrás da porta, Joias de Família, e, em primeira representação, a acana comica Enure o Commercio e o Theatro. Terminará o spectaculo com a bellissima poesia de Pinheiro Chagas — A Liberdade, recitada pelo actor Lisboa.

Proximamente, fará beneficio a intelligente actriz Julia de Lima com a primeira do drama brasileiro Olivia.

P. TALMA.

RABISCAS PHILOLOGICAS

RECTIFICACAO

Em um trecho do Sr. J. Ribeiro que citei de cor. não tem cabida a minha censura. O meu distincto contendor escreveu «Tenho terreno proprio, e quando deus dá, lavro e colho por minha conta e risco.»

A memoria foi-me traiçoesira; não tranquei adrede a citação. A Cesar o que é de Cesar.

PACHECO JUNIOR.

FESTAS, BAILES E CONCERTOS

Club de S. Christovão

Esteve brilhantissimo o baile familiar costumê realisado por este distincto club no sabbado de Alleluia. A digna directoria, empenhando-se em deslumbrar os seus socios e convidados com uma festa digna de todos, satisfaz cabalmente o difficil encargo, conseguindo que as recordações d'aquelle baile por muito tempo perdurem na memoria de todos os que tiverem a ventura de elle assistir.

Os salões, completamente transformados, e adornados com o mais requintado gosto, offereciam um aspecto encantador. A grande profusão de flores e de luzes, a excellentê banda do corpo militar de policia, e a amabilidade dos cavalheiros que compõem a directoria, tudo contribuia para que se sentisse ali um verdadeiro bem-estar.

Das gentilissimas senhoras que concorreram ao baile (cerca de 300) difficil nos seria especinlisar as que ostentavam ricas e elegantes toilettes e vistosas phantasias, tantas e do tão delicados gostos eram ellas. Por isso limitamo-nos, no terminar esta noticia, a dar os nossos sentimentos a todos os que não assistiram ao deslumbrante baile e as nossas sincerissimas felicitações ao Club de S. Christovão por este esplendido marco na sua já tão brilhante vida social.

Societê Française de Gymnastique

Muitas, ricas e espiçtuosas phantasias no baile da sympathica colonia franceza: aqui—A filha do Tambor mór—acolá—uma Republicana, mais alem uma Meunière, depois uma Canotièrre, uma Folie, uma Bretonne, uma Rose Friguet, uma Alsacienne e tantas, tantas outras, cuja completa enumeração é impossivel.

Entre os homens: um Arlequin, O Papon de Longjumeau, um Pêcheur napolitain, um Prou-prou, um Polichinello, um Mephisto, etc. etc.

Trez fazeu-deiros, com os seus competentes moleques, distribuiam flores e espirito em profusão.

Imagine-se tudo isto, excellentê musica, muitas flores, bello serviço e a gentileza já proverbial dos directores e membros da Sociedade Franceza de Gymnastica, — e ter-se-á feito idéia, embora não muito approximada, do que foi o baile de 9 na excellentê associação.

Club Gymnastico Portuguez

Não será facil dizer quantos deslumbramentos e encantos conseguio reunir o Club para festejar a Alleluia.

Desde a entrada do edificio notava-se o bom gosto e delicadesa que presidiram á ornamentação dos salões e das diversas dependencias do Club. Ao fundo em toda a largura do salão principal, um elegantissimo bosque em que se achava a mesa servida para lauteia; um pouco acima uma bella banda militar, não deixando descansar os inumeros pares que tomavam parte nas polkas, walsas e quadrilhas que se succediam vertiginosamente; o salão repleto de senhoras e cavalheiros, ostentando bellas phantasias e requissimas toilettes; tudo isto emprestava ao baile uma animação excepcional, que

só terminou na madrugada seguinte. Representantes da imprensa e commissões de diversas sociedades foram comprimentar a caprichosa directoria do Club pelo cunho de brilhantismo que soube dar a uma das festas de mais duradouras recordações que ali se têm realisado.

Congresso Gymnastico Portuguez

Não foi baile à phantasia o que esta sociedade deu no sabbado. Não lhe tirou isso, porém, coisa alguma do esplendor com que esta associação realisa as suas festas. Antes do baile, e quando o salão principal já se achava repleto de muitas familias, socios e convidados, começaram as corridas a pé, em velocipedes e em patins, distribuidas em nove differentes pares, todos brilhantemente disputados. A meia noite começaram as danças, que, sempre animadissimas, só terminaram de manhã, tomando parte nellas inumeros pares.

A directoria, sempre solícita e attenciosa para com os seus convidados, se deve, em grande parte, o brilho d'este baile, de que todos sabrãem penhorados por delicadezas e attenções recebidas.

Na residencia do Sr. capitão Joaquim S. A. Pimentel realisou-se em 12 do corrente uma bella soirée dramatico-dancante, constando o espectáculo das comedias A alma do Pinto, O fim do mundo, e A baratinha e da scena comica Ha alguma differença?

O desempenho, a cargo das Exmas. Sras. D. D. Maria Guimarães, Francisca de Castro e Cecilia Pimentel, dos Srs. João Lopes e João Gentil e de algumas crianças de um e outro sexo, foi muito correcto e digno dos studiosos auxiliares que mencionamos.

A representação seguiu-se animadas danças, que se prolongaram até hora adiantada da noite.

LORCON.

A VIDA ALEGRE

FENENTES DO DIAHO

Ferico? — Não. Deslumbrante? — Também não. Luminoso? — Ainda não. Fantastico? — Quaes?! — Arrebatador? Nada, nada d'isto. E' com tudo isto junto, e mais alguma coisa ainda, que vamos tratar de formar um adjectivo que dê uma idéa clara, perfeita, verdadeira, do que foi a commemoração alleluiana na Taverna dos Tenentes.

Achamos melhor, a falta de tal adjectivo, começar pelo fim: O baile acabou de dia! Dito isto, está dito tudo. Está comprehendido que se dançou entusiasticamente, sem interrupções, com um desenferrujamento infernal, capaz de fazer pular o cidadão mais rheumatico e gotoso que aliestivesse.

Muitas phantasias, muitas sortes, muito espirito, muita pilheria e muitos qui-pro-quos...

Ah! esquecia-nos: houve algumas interrupções no doudejar das danças: era quando a directoria viuha solícita, paternal, cheia de caridade como uma irmã da dita, avisar-nos com todo o carinho que descançassemos um pouco e que, para não perdermos tempo, fossemos ao buffet, valentar-nos com umas perfumadas e fumegantes canjas, umas onpadinhas, uns vinhos...

O diabo é aquillo ter acabado. Paciencia: esperemos por outra festa dos rubros Tenentes.

DEMOCRATICOS

Foi tambem uma verdadeira noite de festa, a do sabbado ultimo, no Castello dos Democraticos. Um succulento e mirabolante baile à fantasia fez com que nos soberbos salões do Club se reunissem muitas, espiçtuosas e ricas phantasias, e que a festa se prolongasse até a madrugada de domingo.

Larga distribuição de espirito, muitas sortes, muitas surpresas, — tudo contribuiu para que se passasse uma noite de delicias no Castello.

A directoria, sempre amavel e cavalheirosa, dispensou aos socios e convidados as mais inequivocas provas de delicadeza e ns mais captivantes attenções.

PONSARDIN.

COLLABORAÇÃO

CONTRASTES

A VALENTIM MAGALHÃES

Aimer, c'est avoir dans les mains Un fil pour toutes les épreuves... V. Hugo—Les Rayons et les Ombres.XXVI.

Sem amor o Petrarca não teria Um lyrismo que a todos enternece, E talvez mesmo o Dante não fizesse Esse inferno que a todos arrepeia.

Mas tambem inda Troia existiria Se em Helena belleza nunca houvesse, E se a dor eternal nos envilece Foi porque Eva do amor tudo queria.

Será bom, será mau tal sentimento? Elucide esse ponto quem puder; Dizem uns que é prazer, outes tormento.

Seja lá o que for; cá no meu vér, E' bem doce esse amargo sofrimento E' bem triste esse celeri prazer.

OLIVEIRA E SILVA.

INVERNO

O inverno chega e o bando de andorinhas Parte sereno as vastidões cortando; Chirriante, festo, gárrulo, cantando Abandonam balseados, deixam vinhas.

Não ha nas mattas a harmonia leve Das serenas manhãs da primavera, Sómente o furacão com voz severa Triste balança as arvores. A neve

Os montes cobre; ulula tristemente O forestal sombrio; brandamente Desliza o ribeirão pelos juncaes!

Como fogem agora as andorinhas, Levantam vôo as esperanças minhas, Que ha no teu peito inverno e nada mais!

MARIO PEDERNEIRAS.

FACTOS E NOTICIAS

Regressou das aguas de Caxambú o deputado geral barão de Canindé. S. E. veio restabelecido dos incommodos cujo allivio fora buscar. Comprimentamol-o.

CLUB REPUBLICANO DE VALENÇA

Commemorado a gloriosa data de 7 de Abril, fundou-se na cidade de Valença o club republicano daquelle município.

Ainda que instalado com pequeno numero de socios, o club espera numerosas adhesões, pois a idéa republicana tem adeptos convictos naquelle município, um dos mais ricos e florescentes da provincia do Rio de Janeiro.

Damos em seguida o manifesto que esse club assignou, concluindo pela plena adhesão ao manifesto de 3 de Dezembro de 1870.

MANIFESTO DO CLUB REPUBLICANO DE VALENÇA

Concidadãos!

O momento que nossa patria vae atravessando, se é dos mais angustiosos para a alma dos livres pela profunda miseria economica e moral a que nos r-duziram as instituições e costumes da monarchia, é tambem e por isso mesmo, pleno de latentes esperanças, por uma lei grandemente consoladora para a dignidade humana, e com a qual não conta a teagueira do despo-

tismo—a lei da reacção, que consente o martyrio em apostolado, a oppressão em revolta, e fez dizer ao immortal exilado de Jersey que da queda saas a ascensão!

Mais baixo do que temos chegado é impossivel em um povo americano, com tradições corruptoras, sem a educação secular no captivo, que tem depauperado os caracteres das volhas nacionalidades europeas; mais baixo não se pôde descer n'um meio como o nosso propicio a liberdade: é, pois, tempo, mais que tempo, apenas não é tarde ainda, para ampararmos em braços illaes esta grande terra asphyxiada pelos descendentes da dynastia bastarda, foragida e inepta que ha mais de meio seculo nos segrega do luminoso convívio americano para as trévas ignominiosas de um monarchismo beato e caduco; é tempo, concidadãos, de reerguermos a patria brasileira, dos punhos do imperialismo bragantino, para as eminencias da democracia, para as virgens alturas ásperas, abruptas, mas banhadas de sol, onde o homem sente que é irmão do homem, senhor da natureza, e não conhece outra magastado além da sua vontade soberana!

Nossos espiritos emancipados, nossas consciencias altivas clamam bem alto que não podem tolerar a tutela immoral e desmoralizadora de uma forma de governo que a nossa razão repelle, que a nossa dignidade de homens odeia, que o nosso civismo amaldiçoa.

Como o mais racional e mais singelo, que é, dos systemas de governo, por que é a leal traducção da justiça na ordem social e politica, o regimen republicano pôde e devo vigorar desde já no Brazil; e não vem longe o dia do seu abençoado triumpho, ou seja pelas beneficentes tempestades da revolução, ou pela transformação pacifica,—immediata e total, ou gradual e successiva, quer dizer, ou pela proclamação da Republica em todas as nossas provincias, ou pelo desmembramento das mais poderosas e fortes como São Paulo ou Rio Grande do Sul.

A idéa da separação, que tantas adhesões desperta agora em S. Paulo, é nos extremamente sympathica, pois preferimos sem hesitação o desmembramento para a republica à integridade para a permanencia na monarchia; e temos fé em que a emancipação politica das nossas mais ricas provincias ha de seguir-se, por esforços dellas proprias, a emancipação das outras, para que a final communguem todas no esplendido convívio da Confederação Brasileira!

Como solemne profissão de nossa fé politica, adherimos sem restricções ao excelso monumento, á magna carta do republicanismo brasileiro—o manifesto de 3 de Dezembro de 1870.

Saude e fraternidade!

Viva a Republica!

Valença, 7 de Abril de 1887.

Assignados—J. C. Lariovoir, presidente, industrial—Lucio de Mendonça, secretario, advogado (relator)—Joaquim Ignacio Chaves Ferreira, thesoureiro, negociante—João de Sá Lariovoir, agrimensor—João Francisco Barcellos, advogado—Alberto Augusto Carneiro da Cunha, negociante—Marciano Antonio de Mello, advogado—João Baptista Moniz Oliveira, professor—P. p., Dr. José Vieira dos Santos, medico.

Realizou-se na segunda-feira, no cemiterio de S. João Baptista, a collocação do monumento que foi planejado e executado pelo habil artista Ludovico Berna; á memoria de D. Luiza Regadas. A cerimonia compareceram representantes da imprensa, a familia da finada e membros da Confederação Abolicionista.

Como trabalho de arte, este monumento honra sobre maneira o artista que o talhou, o como obra de estima e saudade é elle uma bella prova do quanto é reconhecido o publico, que solícito correu á matiné organizada para a erecção de tal monumento.

Hoje, em homenagem á memoria de D. Luiza Regadas, publicamos a poesia, expressamente escripta para aquella matiné pelo director d'esta folia, e magistralmente recitada pelo actor Eugenio de Magalhães.

Por meio de um delicatissimo cartão despedto-se de nós a distincta actriz cantora Mmc. Delmary, que parte hoje para Paris.

Bom viagem e breve regresso é o que desejamos á sympathica e gentilissima senhora.

Inaugurou-se hoje,—tendo sido honte exposto á apreciação da imprensa, amavelmente convidada — um novo e ultra-moderno estabelecimento na rua do Ouvidor, o *Thiet Club*. Tem clarinaria, lunch-room, tiro ao alvo, *loupie hollandaise*, banhos de chuva, jornaes do Brazil e do Estrangeiro, e, no sobrado, salão de barbeiro e cabeleireiro, *engrazenaria*, e sala para mudar *toilette*. Tudo isso arranjado, disposto, ornado com fino gosto, luxo discreto, e extrema distincção.

Uma casa que é uma novidade entre nós e na qual só um senão se pode apontar:—é pequena.

O director do estabelecimento, o louro e sympathico Arthur da Fonseca Braga, offereceu nos representantes da imprensa uma taça de magnifico *champagne*, deliciosamente *frappé*.

Aos apreciadores de novidades e de boas folhas litterarias temos que dar as seguintes, e, com certeza, agradabilissimas noticias: Estão no prelo: um livro de versos do conhecido poeta Rodrigo Octavio, intitulado *Idylls e Poemas*; outro, intitulado *Ondas*, devido ao talento robusto e fecundo do apreciado poeta Luiz Mural; e sahira' brevemente á luz o livro de poesias de Olavo Bilac. Este já foi por nós annuciado.

Está muito adelantada a impressão de outro livro de versos, de que é autor um dos nossos maiores poetas, o Sr. ... Perdão! é aegrotto, e o nuctor não quer, prohibio-nos expressamente que o desvendássemos.

Fallecimentos

Na torça-feira falleceu o senador Consolheiro Joaquim Antão Fernandes Lóio.

O finado era um homem illustre e chofe proeminente do partido conservador, em que militou sempre captivando a ostima dos seus correliog-narios e ndvorsarios.

O senador Antão era tambem director geral, aposentado, das rendas do Thezouro e foi agraciado, pelos seus serviços, com o grão de cavalleiro da Ordem de Christo e com a commenda da Roza.

Kraszewski

Acaba de fallecer em Genebra, o rotiro do tantos e illustres exilados, na idade de 70 annos, o mais illustro romancista polaco contemporaneo J. J. Kraszewski, auctor das *Doenças do Seculo* valente verberação do luxo e do industrialismo avidos.

Poeta e insurreccionista, como diz Ludisláo Mickiewicz, poderia qualificar a sua obra—*A escola Nacional*, como Balzac qualificou a sua—*A Comedia Humana*.

Foi elle que disse, falando á sua mu-sa:

«Eu te snúdo, em tua descida do céo, ó dor, mãe da acção, austera dominadora dos povos, enviada de Deus. Tu és a mãe dos grandes corações... A felicidade nos encadeia á terra, nos despoja das azas, nos metamorphoseia em seres vulgares e frios, a dor nos ennobrece e sustenta.»

CORREIO DA GERENCIA

Sr. J. Florindo.—S. Paulo—O recibo de V. S., sob n. 7303, relativo ao onno passado, está com o Sr. Sá.

Sr. J. M. de Castro.—Cnsn Branca.—Tendo augmentado para 10\$000 reis o preço da assignatura d'esta folha, tem V. S. de nos enviar mais 2\$000 réis afim de quitar-se até 31 de Dezembro do corrente onno.

Sr. Thomaz de Queiroz—Casa Branca.—O seu debito, nté 31 de Março pro-

ximo passado, é de réis 7\$500, que póde onviar-nos em carta registrada com valor declarado.

Sr. L. de Assis—Juiz de Fora—Póle V. S. remetter-ooa a importancia recobida, em carta registrada, com valor declarado.

Sr. J. B. P. Salgado.—Barra de S. Matheus.—Vão os numeros reclamados. Não se recebeu consulta alguma de V. S. Queira mandar-nos uma segunda via.

Sr. J. L. Rodrigues.—Campo Largo de Sorocaba.—O nosso agente, actualmente em viagem n'essa provincia, entender-se-ha com V. S.

RECEBEMOS

— Pelo Sr. José de Mello, representante da casa editora David Corazzi, o fasc. 45, 47 e 68 da *Historia de Gil Braz de Santilhana*, o fasc. 31 e 32 das *Fabulas de La Fontaine* e o fasc. 20 e 22 dos *Incensais de Lisboa*. No do *Gil Braz* destaca-se uma bellissima gravura collorida e no das *Fabulas*, alem de uma tradução firmada por Filinto Elísio da fabula *Jupitero o Passageiro*, sahila-se uma, utra da fabula *A gatta e a aranha* magistralmente traduzida pelo distincto poeta portuguez José de Souza Monteiro.

Agradecemos. — *A Distração* — anno 39 n. 122. — *Seleção Litteraria* de alguns dos principaes escriptores da lingua portugueza do seculo XVII ao XIX pelos Drs. Fausto Barr to e Vicente de Souza. No proximo numero fallaremos n'esta obra.

— *O Brazil Medico* n. 12. — *Relatorio da Sociedade Beneficente dos empregados da casa Leuzinger & Filhos*. — De importante casa *As Petit Jornal* n. 6 do *Printemps* e os ns. 12 e 13 do *Salon de la Mode*. Interessantissimos. — *Relatorio do Club internacional*, apresentado pela sua directoria em 3 de Abril do corrente anno.

BOLETIM BIBLIOGRAPHICO

DA AGENCIA COMMERCIAL PORTUGUEZA

Obras em publicação por fasciculos: **O D. Quichote de La Mancha**, por D. Miguel Cervantes Saavedra. Fasciculo de 8 paginas, em excelente papel meio cartão com gravura de pagina, por Gustavo Doré a 400 réis. **Os Miseraveis** por Victor Hugo. Edição illustrada com 100 gravuras. Fasciculos de 32 paginas a 500 réis. **Os Heroes do Trabalho** por Gastão Tissandier. Fasciculos de 20 paginas com uma gravura a 500 rs. **Historia da Revolução Francoza** por A. Thiers. Edição illustrada. Fasciculos de 24 paginas a 500 rs.

O Anno Christão. Exercícios Devotos para todos os dias do anno, pelo Padre João Croiset. Fasciculos de 40 paginas com 6 gravuras grandes n. 500 rs. **O Ultimo Beijo**. Romance illustrado, por D. Enrique Peroz Escrich. Fasciculo de 48 paginas a 200 rs.

A Biblia Sagrada, grande edição de luxo, com espiendidas gravuras sob desenho de Gustavo Doré. Todas as paginas ornadas com lindissimas chromo-lithographias. Fasciculos de 12 paginas, com uma gravura tirada á parte em pupel especial, 300 rs.

Recebem-se tambem assignaturas para *O Occidente* revista illustrada de Portugal e do estrangeiro. Publica-se 3 vezes por mez. Preço da assignatura por anno: Corte 13\$500. Provicias franca de porte 13\$000. **A Voz do Christão**. Publicação meosal. Assignatura por anno (franco de porte) 5\$000.

Revista de Educação e Ensino. Publicação mensal. Assignatura por anno (franco de porte) 8\$000. E para todas as demais publicações litterarias, scientificas, artisticas, industriaes e politiens, que se publicam no Brazil e Portugal.

N. B.—Nesta caso se encontra nua variedade de obras de que se entrega gratuitamente catalogos.

ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães encontrado no seu escriptorio todos os dias, das 10 horas da manhã ás 3 da tarde—Itaa dos Ourives, 51.

Dr. Netto Machado (medico e operador). Esp. Molestias da pelle e syphiliticas. Cnsn. rua do Visconde de Ioháima, 31, do meio-dia ás 2 horas.

Dr. Henrique de Sa. especialista de syphilis e molestias nasarian-çaa.—Rua Primoiro de Março, 12 (consultas de 1 1/2 ás 3 horas) — Residencia: Rua de S. Clemente, 91.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

F. Navarro de M. Sales — encarega-se de defezas perante o jury. Muzambinho—Minas.

Imperial Fabrica de Cerveja e aguas mineaes—Augusto Kremer & C.—Juiz de Fora.

Constructores de machinas e aparelhos para lavoura—Schubert Irmãos, Inas & C.—Juiz de Fora.

O cobrador Bernardo da Silva Branhão Junior continúa a receber cobranças por percentagem razoavel. Cidade de Ouro Fino, Minas.

Pharmacia Americana de Vicente Severino de Vasconcellos. Estação do Patrocínio. E. de F. Leopoldina. Minas.

Augusto Luzo.—incumbe-se gra tuitamente de causas de liberdade na Cidade do Muzambinho—Minas.

Relojoeiro—Alfredo Cesar da Silveira —Rua de S. José n. 51—Em frente á rua da Quitanda.

Solicitador—Francisco R. de A. Novaes—Juiz de Fora.

Corrêa da Silva & C. é e nnic casa da barateza aa Villa da Sapucaia.

Hotel das Familias dirigido por A. M. de Miranda Leoeo Mogy-Mirim. Provicia de S. Paulo.

«O Municipio» — Redacção: DR. FORTUNATO MOREIRA e L. DE TOLEDO — Gerencia: WENCESLAO ROSA — CASA BRANCA.

Advogado—Capitão Timotheo Ribeiro de Freitas—Largo do Rosario—Barbacena.

Dr. Araujo Filho — Medico parteiro; Residencia, rua Visconde do Rio Branco, n. 36

Julio Cezar Tavares Paes encarega-se de liquidações amigaveis ou judicias na cidade de Muzambinho e seu termo.

O Hotel Derby, na rua Sete de Setembro, n. 5, serve com acio e optima cosinha. Espleadido terraço com caramanchões.

FABRICA PEROLA Torrefacção de café

Este afamado café vende-se na fabrica, á rua do Sacramento, n. 31, e nas principaes casas de molhados e confeitarias.

CAMPOS

EMULSÃO DE SCOTT

DE OLEO PURO DE FIGADO DE BACALHÃO Hypophosphitos de cal e soda

Approvada pela Junta de hygiene e autorizada pelo governo

O MELHOR REMEDIO ATÉ HOJE DESCOBERTO PARA Tisica, bronchites, escrophulas, raohitis, anemia, debilidade em geral, doxacos, tosse chronica e affecções do peito e da garganta

E' muito superior ao oleo simples de figado de bacalhão, porque, além de ter cheiro e sabor agradaveis, possui todas as virtudes medicinaes e nutritivas do oleo, além dns propriedades tonicæ e reconstituintes dos hydropophosphitos. A' venda nas drogarias e boticas.

COLLEGIO INTERNACIONAL

INTERNATO E EXTERNATO DIRIGIDO POR

E. GAMBÁRO

121 RUA DE S. CHRISTOVÃO 121

Póde ser visitado a qualquer hora. Estatutos nas principaes livrarias.

GRANDE FABRICA DE FLORES RUA DO PASSEIO, 38

RIBEIRO DE CARVALHO & C. PROPRIETARIOS.

Tem sempre grande variedade de flores para todos os gostos e preços, assim como

GRINALDAS PARA ENTERROS DEPOSITO

RUA DO OUVIDOR, 45

ESCRITORIO

Rua da Quitanda, 133 A

Recebem encomendas, que são executadas com a maior promptidão, esmero e modicidade de preços.

LIVRARIA DO POVO

RUA DE S. JOSE N: 65 E 67

CASA DE QUATRO PORTAS

Este estabelecimento tem sempre enorme quantidade de livros sobre ciencias, artes, industrias, litteratura, etc. Especialidade em romances dos mais afamados autores nacionaes e estrangeiros.

PREÇOS RESUMIDISSIMOS

Casa de 4 portas 65 e 67 RUA de S. JOSE 65 e 67 Casa de 4 portas

ALFAIATARIA**11 RUA DOS ANDRADAS 11**

Estabelecimento montado a capricho, com um completo e variadissimo sortimento de casimiras, pannos, diagonaes, etc. para roupas por medida. Tem roupas feitas, primorosamente acabadas, assim como uma enorme variedade de camisas, coroulas, punhos, meias, lenços, gravatas, etc., etc.

PREÇOS COMMOTOS

11 RUA DOS ANDRADAS 11

J. DA SILVA LOPES

A NACIONAL**CARLOS MORAES & C.**
66, RUA DA URUGUAYANA, 66GRANDE FABRICA DE LUVAS DE TODAS AS QUALIDADES
Especialidade em luvas de fantasia

Executa-se qualquer encomenda em duas horas

RIO DE JANEIRO

INTRANSFERIVEL! INADIAVEL!**GRANDE LOTERIA**

DA

PROVINCIA DE PERNAMBUCO

EM FAVOR DA EDUCAÇÃO DOS INGENUOS DA COLONIA ISABEL

Por ordem do Exm. Sr. Dr. presidente da provincia de Pernambuco, foi marcada a extracção desta importante loteria para o dia

14 DE MAIO DE 1887

INADIAVEL

MIL CONTOS 1.000:000\$000 MIL CONTOS

PREMIOS MAIORES

Primeiro sorteio
Segundo sorteio.
Terceiro sorteio.100:000\$000
200:000\$000
1.000:000\$000

PREÇO DE CADA BILHETE INTEIRO 20\$000, MEIO 10\$000, QUARTO 5\$000, DECIMO 2\$000 E VIGESSMO 1\$000

Todo o serviço desta loteria está a cargo exclusivo do A GENTE GERAL, abaixo assignado. A extracção será feita em tres sorteios, com intervalo de tres dias de um a'outro. O plano desta loteria é o mais vantajoso que tom apparecido no Rio de Janeiro.

Com a pequena importancia de 18 fica-se habilitado a um premio de 50:000\$ no terceiro sorteio, independente dos premios que lhe possam caber nos primeiro e segundo sorteios.

OS PEDIDOS DE BILHETES DEVEM SER DIRIGIDOS

Francisco Gonçalves de Queiroz, agente geral

RUA DO HOSPICIO N. 25, LOJA

CAIXA DO CORREIO N. 115.

TELEPHONE N. 507